



**8º Encontro Internacional de Política Social**  
**15º Encontro Nacional de Política Social**  
Tema: Questão social, violência e segurança pública:  
desafios e perspectivas  
Vitória (ES, Brasil), 16 a 19 de novembro de 2020

---

**Eixo: Serviço social: fundamentos, formação e trabalho profissional.**

**A base sincrética do Serviço Social: elementos contemporâneos de sua análise**

**Álison Cleiton de Araújo<sup>1</sup>**  
**José Whellison Brito dos Santos<sup>2</sup>**  
**Mércia Maria Alves da Silva<sup>3</sup>**

**Resumo:** Desde a década de 1990, com a emergência da tese do sincretismo do Serviço Social, ampliou-se o polêmico debate em torno das bases sócio históricas da profissão. Transcorridas, aproximadamente três décadas, torna-se imperativo, com o adensamento dos nexos constitutivos que particularizam a estrutura sincrética do Serviço Social, problematizá-la diante da égide da dominação rentista do capital. A partir de um estudo bibliográfico, utilizou-se como principal escopo de análise as formulações de Netto (2011) e alguns de seus principais interlocutores contemporâneos. As aproximações conclusivas revelam a pertinência do debate teórico sobre a tese do sincretismo como percurso analítico do serviço social especialmente diante do avanço do conservadorismo.

**Palavras-chave:** Serviço Social; Sincretismo; Projeto profissional; Desafios profissionais.

**Abstract:** Since the 1990s, with the emergence of the Social Service syncretism thesis, the controversial debate has grown over the socio-historical bases of the profession. After approximately three decades, it becomes imperative, with the thickening of the constitutive nexuses that particularize the syncretic structure of Social Work, to problematize it in view of the aegis of capitalist domination of capital. Based on a bibliographic study, Netto's formulations (2011) and some of his main contemporary interlocutors were used as the main scope of analysis. The conclusive approaches reveal the relevance of the theoretical debate on the syncretism thesis as an analytical path of social service, especially in the face of the advancement of conservatism.

**Keywords:** Social service; Syncretism; Professional design; Professional challenges.

## **1. Introdução**

A processualidade histórica do Serviço Social, transcorridos oitenta anos de mutações sócio-profissionais, reveste-se de um significado ímpar nas últimas quatro

---

<sup>1</sup> Doutorando em Serviço Social pelo Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da Universidade Federal de Pernambuco. Professor Adjunto do Curso de Bacharelado em Serviço Social da Universidade Federal de Goiás. Contato: [alisonufg@yahoo.com.br](mailto:alisonufg@yahoo.com.br).

<sup>2</sup> Doutorando em Serviço Social pelo Programa de Pós-Graduação em em Serviço Social da Universidade Federal de Pernambuco. Professor Assistente – A do Departamento de Serviço Social da Universidade Federal de Pernambuco. Contato: [josewhellison@gmail.com](mailto:josewhellison@gmail.com).

<sup>3</sup> Doutoranda em Serviço Social pelo Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da Universidade Federal de Pernambuco. Atualmente é educadora – SOS Corpo – Instituto Feminista para a Democracia. Contato: [merciaalvessilva46@gmail.com](mailto:merciaalvessilva46@gmail.com).

décadas. As comemorações alusivas ao Congresso da Virada (1979-2019) demarcam, nessa dinâmica, um distanciamento significativo dos traços operativos que conformaram a institucionalidade e profissionalização do Serviço Social, referenciada por um projeto funcional a manutenção das estruturas de dominação burguesa no país.

Contudo, a dinâmica assumida pela profissão está tensionada pela sua própria natureza de ser, que de acordo com José Paulo Netto (2011), tem uma estrutura sincrética. A tese hipoteca à constituição sincrética a natureza sócio profissional, que encontra lastro institucional na intervenção das demandas histórico-sociais propulsoras da “questão social”, encrustada na fase monopólica do capital.

A proposta deste ensaio circunscreve na retomada da tese da estrutura sincrética do Serviço Social. Analisa os nexos de rupturas e permanências em decorrência das determinações contemporâneas e dos influxos sócio profissionais na atualidade. Em particular, confronta-se com as tendências contemporâneas de dominação social erguida pelo capital na sua sanha de autovalorização e suas implicações para a profissão.

O artigo está estruturado em três tópicos centrais. O primeiro tópico trata sobre a tese do sincretismo e a gênese histórico-social do Serviço Social e as abordagens contemporâneas sobre o tema. O segundo tópico destaca os elementos de continuidade e ruptura que permeiam o caráter sincrético profissional em decorrência da materialidade de uma dominação social, em processo, que radicaliza a desigualdade social e econômica. O terceiro tópico trata das considerações finais.

## **2. Serviço Social: Gênese histórico-social e as bases do sincretismo profissional**

O debate sobre o significado social da profissão, nas últimas cinco décadas, ocupa um lugar de destaque na produção do conhecimento do Serviço Social. As teses difundidas sobre seus suportes e fundamentos explicativos reservam bases teórico-metodológicas e resultados diversos. Debruçamos sobre uma dessas teses, a estrutura sincrética do Serviço Social, defendida por José Paulo Netto, em *Capitalismo Monopolista e Serviço Social* (2011) e alguns dos principais autores interlocutores nos

últimos anos<sup>4</sup>.

As elaborações seminais aqui aludidas remetem à compreensão da gênese histórico-social da profissão vinculada as peculiaridades da questão social nos marcos da transição da fase concorrencial a idade dos monopólios. Nessa direção, são as determinações próprias da ordem burguesa que redefiniram as modalidades de atendimento as demandas sócio-históricas oriundas da questão social, por meio da intervenção estatal, e informam a emergência e institucionalidade do serviço social e sua estrutura sincrética (NETTO, 2011).

Diferentemente de suas protoformas – nas quais havia, sobretudo, vinculação a filantropia e caridade, típicas das modalidades de intervenção sobre demandas sócio-históricas na fase concorrencial capitalista – surge o agente profissionalizado: “precisamente quando passam a desempenhar papéis que lhes são alocados por organismos e instâncias alheios às matrizes originais das protoformas do Serviço Social é que os agentes se profissionalizam” (NETTO, 2011, p. 72)<sup>5</sup>. Inserindo-se no amadurecimento da divisão social do trabalho, de acordo com Netto (2011), o mercado de trabalho para o assistente social abre-se, como locus privilegiado, dos processos de manipulação das respostas do Estado burguês a intervenção fragmentada das refrações da “questão social”, por meio de políticas sociais. Para além de uma continuidade evolutiva de suas protoformas,

“na emergência profissional do serviço social, não é este que se constitui para criar um dado espaço na rede sócio-ocupacional, mas é a existência deste espaço que leva à constituição profissional” (NETTO, 2011, p. 73).

A dinâmica movente de uma profissão é informada pelas demandas sociais, propulsoras do desenvolvimento das forças produtivas, das tensões de luta de classes e

---

<sup>4</sup> Nos últimos anos a literatura especializada do serviço social brasileiro tem voltado a problematizar os elementos constitutivos das teses sobre a emergência e institucionalidade da profissão, especialmente a tese do sincretismo de Netto (2011). Além da conhecida análise de Yamamoto (2008), passaram também a compor o arsenal desse debate as pesquisas de Mota (2016) e o conjunto de artigos reunidas em Mota e Amaral (2016).

<sup>5</sup> É mister mencionar que a pesquisa de Netto (2011) foi realizada no final dos anos 1980, no Brasil, mas sua temática de pesquisa engloba o contexto latino-americano, norte-americano e europeu. Sendo assim, suas conclusões e sínteses gerais estão para além do contexto brasileiro.

dos padrões jurídico-políticos de uma determinada fase do capitalismo, a idade dos monopólios. Acresce as intrínsecas escolhas teóricas e prático-sociais que consubstanciam as respostas profissionais a essas demandas, ou seja, o seu sistema de saber (NETTO, 2011). Nessa direção, o referido autor, identifica a estrutura sincrética do Serviço Social a partir de três de seus fundamentos objetivos: “(...) o universo problemático original que se lhe apresentou como eixo de demandas histórico-sociais, o horizonte do seu exercício profissional e a sua modalidade específica de intervenção” (NETTO, 2011, p. 92).

As demandas histórico-sociais que convoca o Serviço social como profissão vinculam-se a “questão social”. Contudo, a sua feição difusa, enquanto objeto polifacético e polimórfico impõe desafios na dimensão interventiva. O horizonte do exercício profissional é o cotidiano. Portanto, transita-nos “(...) condutos da cotidianidade, seu material institucional é a heterogeneidade ontológica do cotidiano” (NETTO, 2011, p. 96).

Acresce-se a vinculação ao universo problemático da questão social e ao cotidiano como horizonte do exercício profissional a modalidade específica de intervenção profissional dos assistentes sociais, “[...] para inscrever o serviço social no círculo de giz do sincretismo” (NETTO, 2011, p. 97). Essa modalidade de intervenção, compreendida pelo pesquisador, possui como centro “[...] a manipulação de variáveis empíricas de um contexto determinado”, na qual “o curso da intervenção profissional está dirigido para ela e deve resultar dela”; recuperando o cariz emergencial, do pronto-socorro social, de suas protoformas, “serve como um demarcador profissional que contrasta o serviço social com outras disciplinas e tecnologias sociais”, merecendo destaque: por demandar “[...] um conhecimento do social capaz de mostrar-se diretamente instrumentalizável”, vinculando a prática a um sistema de saber empirista e pragmático, e por repor, assim, intelectualmente o sincretismo, uma vez que “todas as linhas de análise lógica e formal-abstratas e todos os procedimentos técnicos se legitimam na consecução do exercício manipulador” (NETTO, p. 97-98).

A partir dessas sínteses preliminares, o pesquisador se debruça sobre o que denomina de estrutura sincrética do serviço social, demonstrando os elementos de sua composição na esfera de uma prática indiferenciada, dos seus eixos ideológicos e bases

teórico-científicas<sup>6</sup> (NETTO, 2011).

A prática indiferenciada, como sua própria significação sugere, remete-se ao fato de que a profissionalização “pouco feriu a forma da estrutura da prática profissional interventiva, em comparação com a prática filantrópica”, em um movimento em que “a forma da prática profissional, nas suas resultantes, não obteve um coeficiente de eficácia capaz de diferenciá-la de outras práticas, profissionais ou não, incidentes sobre a mesma problemática” (NETTO, 2011, p. 99). Apesar de emergir um “ator novo” a prática profissional está inscrita dentro de um campo ainda epidérmico da sociedade burguesa, tanto no que diz respeito às suas elaborações formal-abstratas – assim, fundamentalmente pragmáticas –, quando às suas modalidades de intervenção, com limites objetivos inscritos na relação entre política social, Estado e questão social, em que “a sua prática, orientada por um sistema de saber e inserida institucionalmente no espectro da divisão social (e técnica) do trabalho, não vai muito além de práticas sem estes atributos” (NETTO, 2011, p.103). Tendo a polivalência “a mais nítida consequência da particularidade operatória do serviço social” (NETTO, 2011, p. 105).

O sincretismo no campo ideológico permeia toda processualidade profissional, está alicerçado pelos influxos ideopolíticos que conformaram o Serviço Social norte-americano e europeu, que se por um lado possuem como fio condutor o pensamento conservador, consubstanciado pelo positivismo e seus traços pragmáticos e empiricistas, possuem distinções de relevo. No caso do Serviço Social europeu “dado o anticapitalismo romântico, há um vigoroso componente de apologia indireta do capitalismo; nas fontes norte-americanas, nem desta forma a ordem capitalista era objeto de questionamento” (NETTO, 2011, p. 115).

É também rastreado o sincretismo no sistema de saber que ancora a prática e as suas representações. Netto (2011) é cirúrgico em apontar as inflexões teóricas por meio

---

<sup>6</sup> Netto (2011) reconstrói as bases teóricas do Serviço Social, identificando a predominância de confluência entre os fundamentos científicos e o estatuto profissional. O referido autor identifica que as interpretações correntes, à época, sobre a emergência profissional partiam do pressuposto de uma imbricação entre ambos, como se do suporte científico derivasse a existência da profissão. De forma distinta, apregoa que “(...) o aspecto nuclear de uma intervenção profissional institucional não é uma variável dependente do sistema de saber em que se ancora ou de que deriva; é-o das respostas com que contempla demandas histórico-sociais determinadas” (2011, p. 88).

de três argumentos distintos: o primeiro, o conhecimento teórico (“científico”) do ser social; segundo, a filiação teórica do Serviço Social ao pensamento conservador vincula-se a consolidação das ciências sociais, como subproduto, subalterno e marginal. E, terceiro, as suas próprias pretensões a erigir um saber específico, que assume a forma eclética ao manipular os aportes teóricos que foram subsídios na institucionalização e profissionalização.

A tese do sincretismo de Netto (2011) compõe um dos pilares que constituem as vias interpretativas do serviço social como profissão, entretanto, o conjunto de mudanças societárias próprias da transição entre o final do século XX e as primeiras décadas do século XXI, trazem novos elementos para seu denso – e hoje imprescindível debate. Há, com a reconceituação do Serviço Social latino-americano e, em particular, a renovação do Serviço Social brasileiro, uma modificação substantiva na construção sócio-profissional. Sobretudo com a intenção de ruptura com o conservadorismo profissional e as inflexões que conformam a trajetória profissional nas quatro últimas décadas. Estas alterações ocasionaram pesquisas e reflexões que apontam para superação ou manutenção do cariz sincrético da profissão. Para tanto, buscaremos explicitá-las abordando sua conexão com as determinações societárias.

Nesse sentido, as pesquisas desenvolvidas por Ana Elizabete Mota notabilizam-se ao destacar a profissão como área de produção do conhecimento que se alimenta e “mantêm uma cultura teórica-política e profissional de esquerda no Brasil” (2016, p. 166). Para a pesquisadora,

Como profissão e, particularmente, como área de produção do conhecimento, o Serviço Social, ao fim e o cabo dos seus 80 anos de existência no Brasil, vem robustecendo seu protagonismo intelectual e político na formação de uma cultura (teórico-metodológica, ideológica e política) que se contrapõe à hegemonia dominante, em articulação com a esquerda marxista em nosso país (MOTA, 2016, p. 166).

Tomando por base aspectos centrais da tese do sincretismo profissional de Netto (2011), como a relação com o conservadorismo<sup>7</sup>, a pesquisadora traz um conjunto de

---

<sup>7</sup> Debatemos a relação entre sincretismo e conservadorismo de forma mais aprofundada no próximo item do artigo, nos detendo aqui aos seus aspectos teóricos.

dados factuais<sup>8</sup> do desenvolvimento da profissão nas últimas décadas, especialmente de seu amadurecimento teórico, que a levam a defender a tese que: “hegemonicamente, há, sim, uma ultrapassagem do sincretismo teórico que predominou no serviço social brasileiro até a segunda metade dos anos 1970”, mesmo que a profissão esteja “longe de arregimentar qualquer unanimidade e tampouco de superar a dinâmica contraditória que marca a existência e a determinação da profissão” (MOTA, 2016, p. 172).

Na mesma direção, os trabalhos de Jamerson Souza corroboram para a superação do ecletismo como escopo do sincretismo teórico, “(...) particularizando o debate para a história do Serviço Social no Brasil, é possível sustentar que os desdobramentos do movimento de intenção de ruptura lançou as bases para o processo de superação do ecletismo teórico” (SOUZA, 2014, p. 556).

Contudo, as formulações teóricas apresentadas pelo referido autor e somadas aos trabalhos de Cézár Maranhão (2016) e Henrique Wellen (2018) sinalizam que o avanço teórico-político não anula a base sincrética da profissão. Longe de uma superação de seus elementos centrais evidencia-se um movimento de adensamento e complexificação em decorrência da dinâmica operada pelo movimento do capital.

Para Cézár Maranhão (2016) a aproximação com a tradição marxista é o ponto central na tentativa de reversão do pragmatismo empírico, do subjetivismo idealista e do irracionalismo eclético que conformou a trajetória profissional. Porém, essa influência foi permeada por problemáticas que encontram marcas no interior dos debates profissionais e fora dela. As leituras que iluminaram as reflexões e pesquisas da tradição marxista sofreram uma forte influência de um tipo de marxismo que negava a dialética como eixo essencial de apropriação da realidade concreta.

Nessa mesma direção, Henrique Wellen (2018) destaca, “a análise do sincretismo remete a uma contradição entre dois polos adversos”, constituindo-se para

---

<sup>8</sup> No que a pesquisadora define como “novos indícios” da inserção da produção do conhecimento da profissão na construção de uma cultura política e teórica de esquerda no Brasil, estão: o conteúdo das comunicações científicas nacionais que diferem do apelo a prática, inclusive terapêutica, do contexto do serviço social internacional; a produção teórica relacionada a intervenção profissional, mas possuir capilaridade para além dela; a utilização de referências da área serviço social pelas ciências sociais e por instituições governamentais; a abertura do mercado editorial; a busca por programas de pós-graduação em serviço social por pesquisadores de outras áreas enquanto um espaço de produção do pensamento crítico de inspiração marxiana; o processo de internacionalização (MOTA, 2016, p. 170-171).

o serviço social brasileiro, “de um lado, pela funcionalidade perante a vigência do atual ordenamento societário e, do outro, pela hegemonia teórica e política marxista”.

A base sincrética do Serviço Social identificada por Netto (2011) e a atualidade do debate promovido pelos autores analisados, exigem a continuidade de pesquisas e reflexões críticas. Sobretudo, em decorrência da particularidade que marca a ofensiva do capital, com os auspícios da dominação rentista, em sua sanha de reprodução na cena contemporânea. Distintamente das observações de Netto (2011), datadas de uma emergência da profissão no século XX, inclusive incorporando contextos sócio-históricos para além do brasileiro, a mescla teórico-metodológica e epistemológica que definiu as bases de sustentação do sincretismo teórico parecem não ser contemporaneamente reproduzidas na área de produção do conhecimento do serviço social brasileiro; não anuladas a presença de tensionamentos no campo da produção teórica, como o ecletismo pós-moderno e conservadorismo, assim como de outros aspectos da base sincrética do serviço social ainda latentes, como veremos a seguir.

### **3. Entre permanências e rupturas da base sincrética: conservadorismo e trabalho em debate.**

As conexões íntimas dessas alterações na profissão são tributárias de um feixe de determinações que compõem uma unidade: a manutenção das bases de sustentação da autocracia burguesa e o massivo movimento de resistências sociais, populares e de organizações trabalhadoras em luta pela democratização do Estado. Soma-se a febril participação e engajamento de profissionais assistentes sociais e estudantes na construção de uma pauta de socialização da política e constituição de direitos sociais. Assim como, os influxos da reconceituação latino-americana do Serviço Social, no período de 1965-1975 e seus rebatimentos nas formulações teórico-metodológicas no país. E, por fim, a aderência ao aporte crítico-dialético, com uma aproximação complexa e contraditória do arsenal marxiano e da tradição marxista.

As resultantes desse processo implicaram no redirecionamento do compromisso sócio-político da profissão com as classes trabalhadoras e com o desvelar teórico-

prático da dinâmica operada pela reprodução do capital. Essas alterações estão lastreadas, em sua dinâmica de legitimação e intervenção profissional, aos mais candentes processos sociais vividos pela sociedade brasileira. Em particular, na construção democrática e de disputa política que atravessaram os projetos de país nas últimas décadas. As implicações dessas mudanças estruturais são sentidas no trabalho e formação profissional.

Desta forma, pensar as questões contemporâneas e suas tendências e contra-tendências requer ter esse movimento da história que dialogam com as respostas profissionais no enfrentamento ao conservadorismo que marcam as disputas e orientações da ação política profissional. Nestes termos, o Serviço Social vem se afirmando na sua ação teórico-política e prática profissional contra o lastro conservador e se posicionando, no campo teórico-crítico tendo como referência uma perspectiva sócio-histórica e de totalidade, aliado a uma intervenção profissional que tem como princípios éticos-políticos a construção de um projeto profissional e societário referenciado na luta anticapitalista e nos paradigmas dos direitos humanos, como horizonte utópico de uma outra sociabilidade.

A reconfiguração do conservadorismo como sistema de pensamento ídeopolítico, adensado por uma crescente tendência teológica e teocrática, moralizante e disciplinadora concorrem para acentuar as bases sincréticas da profissão, entendendo-a como sua dimensão constitutiva. Esse contexto sócio-político e econômico coloca desafios ao projeto ético-político profissional que norteiam a formação e a prática profissional, em razão de tendências que remontam às perspectivas analíticas que fragmentam, autonomizam a leitura dos fenômenos de suas reais determinações.

Essas tendências conservadoras reiteram a valorização de uma racionalidade instrumental, aparente e empiricista, reafirmando uma inclinação pelo viés tecnicista em detrimento da direção hegemônica na profissão que está referenciada na perspectiva teórico-crítica marxiana. Essa tendência conservadora adentra o espaço acadêmico, na formação de graduação e pós-graduação, como também na ação institucional, nos espaços sócio-ocupacionais, e na disputa dos espaços organizativos da categoria e estudantil com disputas de projetos que valorizam perspectivas reducionistas na análise da questão social, sob a qual a profissão se debruça.

Essa perspectiva conservadora tende a reforçar a cisão entre teoria e prática, as respostas pragmáticas, o reforço de um saber prático em detrimento, ou dissociado da produção intelectual, da práxis. É o que Mota e Amaral (2016) chamam a atenção para

[...] essa nova [voga] do conservadorismo que não se explicita como negação da orientação e dos fundamentos marxianos, mas pelo marxismo funcionalista, pelo método da escolha racional, pelo pensamento pós-moderno e por uma espécie de novo sincretismo. (MARANHÃO, 2014; MOTA; AMARAL, 2016, p. 43).

É importante lembrar que o enfrentamento profissional contra as tendências do pensamento conservador, que é uma marca da sua dimensão constitutiva no contexto do capitalismo monopolista, segue sendo uma luta no âmbito da direção do projeto político profissional, e que em tempos de intensificação da dinâmica contraditória capitalista se acentuam como expressão do processo de regulação e adaptação a ordem social vigente.

Ao passo que a auto-expansão do capital avança sobre as conquistas históricas das tensões das classes em movimento, o saldo organizativo e político dos trabalhadores e das massas crescentes de destituídos de trabalho não se materializa na mesma proporção e densidade exigida. Adentramos em um período intenso de generalização sem limites das bases constitutivas de dominação burguesa, ou seja, o triunfo do capital na propulsão do fetiche da mercadoria. No mesmo passo amplia-se o individualismo extremado.

O feixe de questões aqui traçadas operam e retroalimentam a base sincrética profissional. Em síntese, visualizamos como consequência desta movimentação global de recomposição das forças conservadoras e do pensamento que lhe dar sustentação, alguns rebatimentos no âmbito da profissão, como as tendências acima apontadas, colocando em risco as bases do projeto ético-político profissional, uma vez que a reconfiguração do *ethos* conservador se espraie também no cotidiano daqueles e daquelas que estão envolvidos nos processos de formação e na ação profissional.

E nestes termos, concordamos com Barroco (2011), quando nos aponta que tal cenário marcado pela concorrência e competição, pela posse privada dos objetos em detrimento das relações humanas, pela repressão e criminalização das lutas sociais e

pela desqualificação da política, colocam-se como novo ethos dominante da sociedade burguesa. E, coloca-se no campo profissional como facilitador,

[...] da reatualização de projetos conservadores na profissão, mas entendendo também que nossa trajetória de lutas, inserida no universo de resistências da sociedade brasileira permite esse enfrentamento, quero afirmar que do ponto de vista ético-político a busca de ruptura com o conservadorismo no Serviço Social – princípio e objetivo que norteou (norteia) o projeto ético político nesses trinta anos – é neste momento renovado como um grande desafio: o enfrentamento de suas novas formas ético-políticas e manifestações teórico-práticas. (BARROCO, 2011, p. 211/212).

O conjunto indissociável de determinações aqui sumariada afeta a totalidade da vida social. A sanha do capital, na lógica de restabelecimento das taxas de lucro, ultrapassa o seu lócus determinante de reprodução ampliada - a exploração do trabalho e atinge a captura do tempo de trabalho necessário de gerações de trabalhadores acumulados no fundo público, ou seja, na alteração dos aparatos dos Estados nacionais, seja na periferia do capital ou nos países centrais. Os planos de ajuste, pacotes econômicos e contrarreformas atacam os direitos sociais, principalmente, os direitos trabalhista e previdenciário (SALVADOR, 2017).

No Brasil, essa onda regressiva do capital, sobretudo no tocante aos direitos sociais, assume peculiaridades ao rastreamos as últimas décadas, em particular diante do significado político e social contraditório que envolveu os governos do Partido dos Trabalhadores (2003-2015) e dos desmontes propugnados nos governos de Michael Temer (2016-2017) e Jair Bolsonaro (2018).

As configurações contemporâneas que assumem os processos de valorização do valor impõem a precarização e informalidade como regra da produção de mais-valor, destituição de freios protetivos vinculados ao trabalho, captura do fundo público e a transfiguração dos direitos sociais em produtos intercambiáveis ao mercado.

Nesse sentido, o movimento do capital impõe o aprofundamento das condições de ampliação da extração de mais valor, sob a base da precarização estrutural do trabalho (AMARAL, 2018), ampliação da informalidade como parte indispensável para a produção capitalista (TAVARES, 2004), gerando novos processos de intensificação do trabalho (DAL ROSSO, 2008) e imprimindo de um lado o privilégio da servidão para

uma parcela de trabalhadores precários enquanto avolumam-se, de outro, os destituídos da condição de exploração pelo capital (ANTUNES, 2018).

Observa-se a materialidade da mundialização do capital, como apontou François Chesnais (1996), que, adensa-se, na atualidade, a uma lógica financeirizada da economia com a centralização e concentração do capital. Consequentemente, os descompasso constitutivos do sistema financeiro com a produção material da riqueza social implicam em crises mais severas e intensas de reprodução e exigem novas bases de exploração do trabalho e dominação social.

Assim como, os prognósticos das políticas neoliberais distintamente do que se apregoavam como solucionadoras da crise se transformaram em sua face mais perversa - uma nova racionalidade que penetra não só o mercado, mas o Estado e, principalmente, o comportamento dos indivíduos, seja na vida privada ou social, sob a lógica concorrencial e da forma-empresa como processo de subjetivação (DARDOT; LAVAL, 2016)

Os assistentes sociais estão atravessados no seu cotidiano profissional por dilemas que perpassam a formação e o trabalho, qual seja, a seletividade e focalização que lhe é exigido nos diversos espaços de atuação, a demanda crescente, a escassez de recursos e estrutura física, os baixos salários, a necessidade de complementação salarial e absorção de novas tarefas, funções ou trabalhos precários.

As exigências pelo trabalho instantâneo e produtivista imprimem uma racionalização de procedimentos operativos e próprios da apreensão dos processos sociais que lhe referenciam. Os estudos sociais, pareceres e laudos são construídos pela representação operada numa burocratização exacerbada. A dinâmica profissional distancia-se, gradativamente, do contato comunitário- social e envolve de um avolumado trabalho técnico, de preenchimento, lançamento, alimentação de sistemas físicos e digitais que consomem parte substancial do tempo de trabalho exercido.

As condições de assalariamento, como não seriam diferentes dos demais trabalhadores, impõem determinações socioeconômicas que possuem a marca da precarização social do trabalho. A tendência contemporânea da pejetização<sup>9</sup> das

---

<sup>9</sup> Referência a pessoa jurídica, forma de trabalho que camufla a relação trabalhista e transmuta em relação comercial.

relações de trabalho atinge frontalmente as formas de contratação da/o assistente social. bem como, a ampliação da terceirização (DRUCK, 2018), trabalhos temporários, por demanda, por projeto ou atividade orientada a uma demanda institucional.

Este, portanto, é um contexto sócio-político que nos desafia no plano da reflexão e da ação política, no processo de formação e ação profissional, por nos instar a estarmos atentos e fortes aos desafios dos tempos atuais marcados pela reificação e feiticização das relações sociais, e assegurar do ponto de vista da análise uma perspectiva de totalidade para compreender as causas e razões da crise orgânica do capital, e seus rebatimentos na materialidade e subjetividade da vida social.

Os desafios são constantes por ser o Serviço Social parte constitutiva do movimento da história, e ao lidar no âmbito da atuação profissional com as contradições da sociabilidade burguesa e nas respostas as expressões da questão social, faz necessário exceder a leitura aparente dos fenômenos sob a qual debruça-se o trabalho profissional. Mas, pela trajetória e avanços políticos da categoria em vincular o projeto profissional a um projeto societário, esse debate de recomposição das bases conservadoras em tempo presente, nos provoca a pensar em novas estratégias de enfrentamento e resistência em diferentes espaços da atuação profissional – academia, espaços sócio-ocupacionais, a fim de dar materialidade aos valores e princípios que firmam o projeto ético-político profissional.

#### **4.Considerações finais**

A quadra histórica atual revela uma dominação social mais densa e difusa. Há uma profunda ramificação de discursos e práticas socioculturais contrárias ao Estado, ao caráter interventivo no provimento de necessidades humanas. Ergue-se, substantivamente, o ódio à proteção social como se lhe fosse avesso aos novos tempos, anacrônica e pesada às exigências do empreender, da flexibilização e das formas contemporâneas de viver, que se fazem na ótica da inovação e fluidez do mercado.

O projeto profissional crítico do Serviço Social encontra-se confrontado com o avanço do capital contra o conjunto de conquistas históricas materializadas pelos direitos sociais. Sobretudo ao requisitar um profissional funcional as demandas

contemporâneas de um “mercado fluido, criativo e adaptativo”. Esses ingredientes são palatáveis ao ecletismo que historicamente tracejou a profissão e torna-se a base das teorias neoconservadoras que se ampliam recentemente no escopo profissional.

Se a estrutura sincrética opera mediada pela noção de direitos sociais e respostas concretas as demandas histórico-sociais o atual cenário de desmonte dessa mediação impõe novos desafios e configurações para a profissão. Desnudar essas determinações e suas implicações profissionais e sociais torna-se uma tarefa urgente.

A apropriação da crítica marxiana e da construção teórica inspirada em suas bases, informada pelo Serviço Social, reveste-se de uma importância no cenário atual. Encontra-se em jogo um conjunto de ofensivas por parte do capital contra o marxismo, mas para além dele, busca-se apagar da memória coletiva qualquer projeto societário e formas ideo-política que destoe da sociabilidade erguida pelo capital. Há em curso uma racionalidade voraz em torno da entronização do mercado como única via para sociabilidade contemporânea.

Temos convicção que a influência e centralidade do marxismo não alteram as determinações que são constitutivas do Serviço Social como categoria profissional, bem como as implicações dos processos sociais em curso – avanço das forças produtivas do capital e as correlações de força de classes sociais que contornam os aparatos profissionais e tensionam seus sistemas de saber. Contudo, a recorrência a sua base imprime um direcionamento profissional totalmente diverso da sua natureza e das determinações de sua existência. Assim como, contribui para tencionar e desconstruir os mecanismos de reprodução da desigualdade social e econômica.

A natureza e razão de ser dessa profissão refletem as tensões e projeções ideológicas que conformam as lutas de classes. Portanto, o cariz funcional as amarras de dominação social burguesa, está dialeticamente tracejada pelos influxos de projetos em disputa. O Serviço Social não se encontra imune das conturbadas projeções ideo-política que permeia a sociedade. A sintonia aos segmentos sociais que lutam torna-se operativa como mecanismo de arejar suas práticas interventivas e imprimir sentido político ao seu fazer profissional. Longe de romper com a base sincrética essa opção é prenhe de potencialidades que ultrapassam os muros restritos de sua legitimação e funcionalidade e corrobora para as disputas de projetos societais em movimento.

## Referências

AMARAL, Angela. *Precarização estrutural e exploração da força de trabalho: tendências contemporâneas*. IN: Revista Argum., Vitória, v. 10, n. 3, p. 244-256, set./dez. 2018.

ANTUNES, Ricardo; DRUCK, Graça. *A precarização do trabalho como regra*. In: ANTUNES, Ricardo. *O privilégio da servidão: o novo proletariado de serviços na era digital*. 1. Ed. São Paulo: Boitempo, 2018.

BARROCO, Maria Lucia S. Bárbarie e neoconservadorismo: os desafios do projeto ético-político. *Revista Serviço Social e Sociedade*, nº 106, São Paulo: Cortez, abril/junho 2011, p. 205-218.

CHESNAIS, François. *A Mundialização do capital*. Tradução de Silvana Finzi Foá. São Paulo: Xamã, 1996.

DAL ROSSO, Sadi. *Mais trabalho: a intensificação do labor na sociedade contemporânea*. São Paulo: Boitempo, 2008.

DADOT, Pierre; LAVAL, Christian. *A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal*. São Paulo: Boitempo, 2016.

GALLEGO, Esther Solano (Org.). *O ódio como política: a reinvenção da direita no Brasil*. 1ª ed. São Paulo: Boitempo, 2018.

IAMAMOTO, Marilda Villela. *80 anos do Serviço Social no Brasil: a certeza na frente, a história na mão*. In: Serv. Soc. Soc., São Paulo, n. 128, p. 13-38, jan./abr. 2017.

IAMAMOTO, Marilda Vilela. *Serviço Social em tempo de capital fetiche: capital financeiro, trabalho e questão social*. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2008, p. 209-283.

MARANHÃO, César. *Uma peleja teórica e histórica: Serviço Social, sincretismo e conservadorismo*. In: MOTA, Ana Elizabete; AMARAL, Angela. *Cenários, contradições e pelejas do Serviço Social Brasileiro*. São Paulo: Cortez, 2016.

MOTA, Ana Elizabete. *Serviço Social brasileiro: insurgência intelectual e legado político*. In: OLIVEIRA E SILVA, Maria Linduina (org.). *Serviço Social no Brasil: histórias de resistência e de ruptura com o conservadorismo*. São paulo: Cortez, 2016.

MOTA, Ana Elizabete & AMARAL, Ângela Santana do. *Serviço Social Brasileiro: cenários e perspectivas nos anos 2000*. In: Mota, Ana Elizabete, Ângela Amaral, (org.). *Cenários, contradições e pelejas do serviço social brasileiro*. São Paulo: Cortez, 2016, p. 29-53.

NETTO, José Paulo. *Capitalismo monopolista e Serviço Social*. 8ª ed. São Paulo, Cortez, 2011.

\_\_\_\_\_. *Ditadura e Serviço Social: uma análise do Serviço Social no Brasil pós-64*. 8.ed. São Paulo: Cortez, 2005.

\_\_\_\_\_. Para uma história nova do Serviço Social no Brasil In: OLIVEIRA E SILVA, Maria Linduina (org.). *Serviço Social no Brasil: histórias de resistência e de ruptura com o conservadorismo*. São paulo: Cortez, 2016.

SALVADOR. E. *O desmonte do financiamento da seguridade social em contexto de ajuste fiscal*. In: *Serv. Soc. Soc.* n. 130, 2017. p. 426-446.

SOUZA, Jamerson Murillo Anunciação. *Três notas sobre o sincretismo no Serviço Social*. In: *Serv. Soc. Soc.*, São Paulo, n. 119, p. 531-559, jul./set. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ssoc/n119/a07n119.pdf>. Acesso em: 20 mai. 2019.

\_\_\_\_\_. O sincretismo no serviço social: uma abordagem ontológica. In: Mota, Ana Elizabete, Ângela Amaral, (org.). *Cenários, contradições e pelepas do serviço social brasileiro*. São Paulo: Cortez, 2016, p. 113-144.

TAVARES, Maria Augusta. *Os fios (in)visíveis da produção capitalista*. São Paulo, Cortez, 2004.

WELLEN, Henrique. Marxismo e Serviço Social: mediações e contradições entre teoria e prática. *Argum.*, Vitória, v. 10, n. 2, p. 122-134, maio/ago. 2018. Disponível em: <http://periodicos.ufes.br/argumentum/article/view/19530/14169>. Acesso em: 01 jul. 2019.